**DECRETO N.º 5631 DE 14 DE FEVEREIRO DE 1979****DENOMINA "RUA OSVALDO CANECHIO (BADU)" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A :

ARTIGO 1.º — Fica denominada "RUA OSVALDO CANECHIO (BADU)" a Rua 6 do Jardim Miranda, com início na Av. Antonio Carvalho Miranda e término na divisa do loteamento.

ARTIGO 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 14 DE FEVEREIRO DE 1979

DR. FRANCISCO AMARAL
PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos, (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 32835, de 7 de dezembro de 1.978, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 14 de fevereiro de 1.979.

DR. BERNARDO KAPLAN
SECRETÁRIO —CHEFE DO GABINETE DO PREFEITO
SUBST.º.

RUA OSVALDO CANECHIO (BADU)



LEI Nº 6284 DE 28 DE SETEMBRO DE 1.990
ALTERA A REDAÇÃO DO ARTIGO 1º DO DECRETO Nº 5.631, DE 14 DE
FEVEREIRO DE 1.979, QUE DÁ O NOME DE OSVALDO CANECHIO A UMA
VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono
e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - O artigo 1º do Decreto nº 5.631 de 14 de fevereiro de 1.979, passa a
vigorar com a seguinte redação:

"Artigo 1º - Ficam denominadas "Rua Osvaldo Canechio (Badu)" a Rua 6 do
Jardim Miranda e Rua 12 do Jardim Dom Nery, com início na Rua José Carvalho
de Miranda e término na praça sem denominação do Jardim Dom Nery".

Artigo 2º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as dis-
posições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de Setembro de 1.990

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



Terça-feira, 5 de dezembro de 1978

Falecimento de Osvaldo Canechio (Badu)



A cidade recebeu com tristeza e pesar a notícia da morte do dr. Osvaldo Canechio, com 64 anos de idade, natural de Campinas que se tornou conhecido como humorista e imitador de tipos, como Badu, se projetando, inclusive, no teatro e no rádio, no Rio de Janeiro, participando de numerosos espetáculos por todo o País, firmando conceito, entre os nossos maiores humoristas, inclusive participando de vários filmes nacionais.

Badu foi aluno do Colégio Estadual "Culto à Ciência" e já nessa época dava a nota de alegria, com o seu humorismo sadio, nas festas estudantis. Terminando o ensino secundário — hoje 2.º grau — foi para o Rio, continuando seus estudos superiores, mas seguindo a vocação inata, a de humorista, nunca se esquecendo, porém, da terra natal, onde reside sua família e que visitava constantemente. Faleceu, aliás, ontem, em Campinas, onde possuía inúmeros amigos. Seu funeral será hoje, saindo o feretro, às 10 horas, no necrotério N. S. da Boa Morte, à rua General Marcondes Salgado, diretamente para o cemitério da Saudade, onde será inumado em jazigo perpétuo da família. A cerimônia religiosa será oficiada no necrotério.

Oswaldo Canechio era casado com d. Helena Canechio, de cujo enlace deixou os filhos: Osvaldo, Roberto e Rogério. Deixou irmãos, cunhados e sobrinhos. Era filho dos falecidos Vicente Canechio e d. Claudina Canechio.



Badu

O ano de 78 acabou marcado pela perda de grandes nomes da vida cultural, artística e pública. Dentre eles, Campinas perdeu, há um mês, uma dessas figuras cuja atividade artística conquistara grande público. Ele atuou no rádio, na Tv., no cinema, no teatro... Ele nasceu pra contar anedotas; fazia rir muita gente; fazia rir a todos...

De repente, todos dois choraram; choravam muito a partida de Badu. Seu nome verdadeiro: Oswaldo Gomes Canechio, com uma carreira artística das mais intensas e curiosas.

Os cabelos já grisalhos; 1,78 de altura; 60 anos. Esse foi seu tempo de vida. Sessenta anos. Durante muitos, o sorriso constante nos lábios e o chopinho como companheiro inseparável.

O apelido-Badu- surgiu na própria família, formada a partir do pai italiano (Vicente, atacadista e violonista nas horas vagas) e da mãe portuguesa, Dna. Claudina Canechio. A mãe, na intimidade, foi modificando seu nome: de Waldo a Waldu, Baldu, Badu... Surgiu o apelido, que acabou virando cartaz.

Segundo Helena, sua esposa, ele trazia no sangue o vírus do, mas seu ingresso no rádio foi realmente motivado por necessidade financeira.

Natural de Campinas, ele costumava dizer: "sou da terra de dois grandes nomes do Brasil: Carlos Gomes e eu". Desde a escola primária em Campinas, revelava a tendência para o

humorismo. Suas piadas em salas de aula, divertiam alunos e até professores.

Ainda muito jovem (por volta dos 16 anos) começava seus programas na Educadora de Campinas, a então PRC-9. Na verdade, nasceu para o humor, mas chegou a dar aulas na Escola Normal Carlos Gomes desta cidade, bem como no Liceu e Externato São João.

Mas na verdade, sua vocação não era essa mesma, e ele se dizia tão saturado dos alunos, que acabou abandonando o magistério, sem a menor satisfação. De professor, passou ao curso de medicina-Tisiologista. Mas, na verdade abandonou tudo, para viver apenas da comicidade. De Campinas, rumou a São Paulo, onde ingressou na Rádio Tupi Paulista, estreando no programa "Onda Alegre" graças ao crédito que recebeu do diretor Costa Lima. No ano de 39, realizou a primeira viagem à Europa: Portugal conhece e vibra com o comediante brasileiro. Foi um sucesso, e foram muitas viagens que fez por esse mundo afora segundo nos conta sua esposa, dona Helena.

Quando regressou ao Brasil, foi lançado na Rádio Tupi do Rio, no "Sequência G-3", ao lado de gente famosa, como Paulo Graçindo e outros...

Já em 42, contava piadas a partir de onze e trinta da manhã, imitando muitas vozes.

Interessante observar que, durante a segunda Guerra, o humorista bandeirante, foi artista que

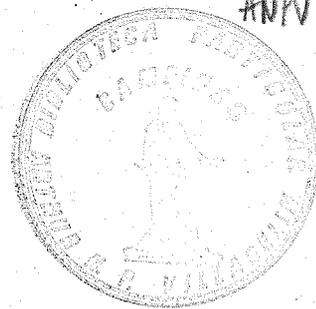
mais trabalhou para os soldados, tendo então travado relações com famosos cartazes do esporte, do teatro, do cinema, e do próprio rádio.

Badu dedicava-se também muito ao teatro, desde o seu tempo de estudante. Trabalhou em muitas peças na qualidade de amador. Finalmente começou a fazer parte efetiva do Teatro Carlos Gomes, onde permaneceu muito tempo.

Durante muito tempo ele morou no Rio de Janeiro, segundo costumava dizer: "moro, onde não mora ninguém..." Amava, amava muito... e amou muitas mulheres. Ao findar um romance, havia sempre uma bebedeira. Mas é claro, Helena foi a verdadeira mulher, aquela com quem ficou casado aproximadamente 30 anos. Desse matrimônio, os filhos maravilhosos.

"Badu sempre teve uma vida muito boêmia, muito dedicado à arte mesmo. Eu sempre o entendi, vivi com ele e só me grilava um pouco quando havia alguma falha na assistência ao lar, o que realmente quase nunca existia."

Walter Pinto, um empresário com quem Badu trabalhou deu certa vez o seguinte depoimento a respeito do artista: "Badu é um bom profissional; sempre cumpriu bem seus deveres. Fazia mais o tipo do humorista do que cômico de teatro. Um misto de caipira paulista; um ingênuo. Agradava sempre com sua comicidade brasileira. Seu humorismo nunca foi



agressivo."

No Rio aconteceu seu primeiro contrato para o teatro, na peça "Um Milhão de Mulheres", no teatro Carlos Gomes, sob a direção de Chianca de Garcia. Ali seu desempenho, contando piadas ou cantando Granada, com uma voz meio duvidosa.

Além do chopinho gelado, ou uisque puro, Badu tinha um outro companheiro inseparável: o cigarro. Ele tinha uma mania: só bebia de olho fechado "se olhar para a dose dá água na boca e... estraga tudo."

Na década de 70, por iniciativa de um deputado carioca, a Asembléia deveria homenageá-lo com título de Cidadão Carioca. Mas, ele se negou a receber a homenagem...

No Night and Day e no Teatro Recreio, Josephine Backer e Badu: onde atuavam juntos, mas ele não pode ir. Compromissos profissionais o prendiam no Brasil. Mesmo assim, considerou de grande proveito sua atuação ao lado de Miss Backer, já que pôde conviver mais de perto com essa que era considerada uma grande artista. Durante um bom tempo tomou também parte ativa em diversos shows circenses, pondo à prova sua habilidade e fazendo muita gente rir à vontade.

Mas, o ecletismo artístico de Badu, levou-o também ao mundo cinematográfico. Seu ingresso no cinema deu-se tem dúvida, graça a intervenção de um amigo, Otávio Gabus Mendes, já falecido. Mendes era uma das expressivas figuras do

rádio brasileiro e por seu intermédio Badu chegou a Cinédia, convidado para filmar Pif-Paf. Mas, na ocasião houve um problemazinho: estando ele na Bahia, já comprometido com outras atividades profissionais, não pôde participar dessa primeira película. Isso no entanto não teve importância para a atuação cinematográfica do artista. Bons papéis-lhe foram reservados em muitos filmes: Essa é Fina, Fogo na Canjica, Tudo é Samba, O Negócio é Assim Samba da Vila, Um Pirata do Outro Mundo...

Na verdade ele tinha especial atenção pela carreira cinematográfica: "prefiro cinema sim, costumava dizer, porque tenho grande esperança na sétima arte e também na minha pessoa..."

Já na década de 50 ele aparecia como produtor cinematográfico. Na ocasião ele considerava isso como uma experiência a mais. "Eu quero é movimento"-nome de sua produção. Através do sistema em voga naquela época, o de cotas, Badu foi ajudado na produção por Vitor Barros. Lulu de Barros era o diretor. Um filme essencialmente carnavalesco, onde se registraram a participação de Linda Batista, Déo, Jorge Veiga, Zé e Zilda, Dupla Verde e Amarelo,... Na época, uma despesa razoavelmente grande nessa produção: Cr\$1.300 contos de réis. Já havia então uma grande esperança com relação ao cinema nacional e Badu sentia-se um dos responsáveis por essa

ascensão: "o argumento desse filme foi detalhadamente estudado e consta de uma comédia com princípios, meio e fim, coisa não muito comum nos filmes nacionais, Pelo seu argumento e por tudo que envolve essa película, é que espero poder apresentar um trabalho ao público, digno do progresso em que caminha o cinema de nossa terra..." E Badu foi assim caminhando no tempo e na arte; mas, embora o entusiasmo não quisesse enfraquecer, o coração acabou não resistindo a tanta euforia do espírito. A asma também resolveu fazer-lhe companhia e Badu acabou retornando para Campinas, um tanto afastado de suas atividades e preocupado apenas com a sua subsistência, tratando da aposentadoria, o que nem pode concluir. Pouco mais de um ano nesta cidade, foi o suficiente para a viagem eterna.

E foi aqui, em sua terra de origem, que Badu-Oswaldo Canechio teve seu fim. Aos primeiros dias do mês de dezembro, na Casa de Saúde de Campinas, rodeado dos familiares e os poucos amigos que conseguiram chegar a tempo das últimas homenagens.

Mais um valor campineiro, mais um artista que se foi, deixando marcas de sua atuação por todo o Brasil, e tendo levado ao exterior a imagem do comediante brasileiro.

M. Fátima Ribeiro.